

I. SEXUALIDADE, CORPO E GÊNERO NA PERSPECTIVA DOCENTE

Nayane Reis Vieira¹ (IC)*, Patrícia Simone de Araujo² (PQ)¹

Câmpus Luziânia da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: Este estudo tem a proposta de analisar os relatos da vida “acadêmica” dos professores e professoras de uma escola municipal em Luziânia, Goiás. O objetivo da pesquisa é compreender como esses docentes re/constroem suas subjetividades por meio das suas memórias vivenciadas no processo de escolarização, tendo como eixo norteador de discussão as temáticas sexualidades, corpo e gênero. O referencial teórico da pesquisa alicerça-se nas concepções de Foucault (1988), que discute a sexualidade, poder e regulamentação. Para fazer crítica ao sexo regulamentado, a pesquisa discute a heteronormatividade embasada nas concepções de Butler (2000). Os papéis sociais impostos ao sexo é discutido por Louro (2000); Teles (1992) discorre a responsabilidade do professor e sanar indagações da educação sexual que negligenciadas pela família. Na metodologia destacam-se as contribuições de Nóvoa (1992) e Severino (2007) para retratar a metodologia autobiográfica, especificamente para se pensar as histórias de vida. O resultado obtido pelas entrevistas aplicadas aos docentes é notório perceber que a preferência em se ausentar discursar sobre as temáticas, gênero e sexualidades, demonstrou ser, por meio da análise das “entrelinhas” vislumbradas nas respostas das indagações posteriores, uma forma de “preservar” os alicerces da lógica heteronormativa, considerada o único e verdadeiro padrão de normalidade.

Palavras-chave: Relato de experiência de vida. Construção social da sexualidade. Subjetividade docente

Introdução

Este estudo propõe-se em analisar os relatos da vida “acadêmica” dos professores e professoras de uma escola municipal em Luziânia, Goiás. O objetivo da pesquisa compreende investigar desde os anos iniciais de suas escolarizações, passando pela formação universitária e chegando até as suas atuações em sala de aula, no intuito de entender como esses docentes re/constroem suas subjetividades por meio das suas memórias vivenciadas no processo de escolarização e como elas influenciaram sua prática pedagógica, tendo como eixo norteador de discussão as temáticas sexualidades, corpo e gênero.

¹Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Luziânia e bacharel em Teologia pela faculdade Kurios. E-mail: tsalvo@hotmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Luziânia e doutoranda em História na Universidade Federal de Goiás. E-mail: psa.ueg@gmail.com



Para formação integral do sujeito em todas as suas especificidades, para tal faz-se necessário discussões sobre a sexualidade humana, sendo assim a proposta desta pesquisa tem como principal problema da investigação o seguinte questionamento: como os docentes de uma escola municipal de Luziânia (GO) relacionam as suas experiências escolares e profissionais acerca das temáticas: sexualidade, corpo e gênero?

A relevância deste estudo justifica-se em decorrência da necessidade em discutir sobre a sexualidade, visto que a relação de gênero é um assunto ascendente e atual na sociedade, por meio dessa reflexão faz-se para se pensar o respeito pela diversidade sexual e de gênero. Logo, cabe ao formador discutir assuntos de teores em que o corpo é o objeto de curiosidade e transformações constantes na vida humana.

Material e Métodos

O método autobiográfico foi o principal para a pesquisa, pois por meio do estudo sobre histórias de vida, consiste uma técnica de coleta de “informações da vida pessoal de um ou vários informantes” (SEVERINO, 2007, p. 125). Para realizar essa tarefa foram realizadas entrevistas estruturadas, que no parecer de Severino, são “Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, repostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais”.

A necessidade de refletir o contexto escolar a partir da história de vida dos docentes entrevistado foi percebida e problematizada por Antônio Nóvoa. Para ele, “[a] formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”.

O estudo propôs uma entrevista com os seguintes questionamentos:

a) O assunto sexualidade era abordado quando você estudava na educação básica?



- b) Havia uma fronteira rígida de como os meninos e meninas deveriam se comportar, falar, vestir?
- c) É possível perceber algum tipo de preconceito ou atitude discriminatória?
- d) Na educação superior foram discutidas questões de gênero, sexualidade e/ou corpo no ambiente escolar?
- e) Você acredita que a Educação Superior te preparou para lidar com a diversidade sexual na escola?
- f) O que você entende por sexo e gênero?
- g) Você já ouviu falar sobre a ideologia de gênero, qual é sua opinião sobre a questão?
- h) Você aborda a questão da diversidade de gênero: heterossexualidade, homossexualidade e transexualidade no ambiente de trabalho? Se sim, de que forma?

O referencial teórico da pesquisa alicerça-se nas concepções de Foucault (1988), que discute a sexualidade e os dispositivos de poder que o regulamentam, para fazer crítica ao sexo regulamentado: heteronormativo, a pesquisa utiliza concepções de Butler (2000); Os papéis sociais impostos ao sexo é discutido por Louro (2000); Para a metodologia Nóvoa (1992) corrobora com a pesquisa mostrando-nos a importância da formação dos professores e sua experiência; Severino (2007) discorre sobre o método de pesquisa autobiográfico que nos condicionou a sanar as experiências dos docentes.

A fim de preservar a identidade dos professores e professoras, eles e elas foram denominadas com os pseudônimos: professor 1, professor 2 e professor 3. Os sujeitos da pesquisas são pedagogos, o professor 1 é uma mulher especialista em educação inclusiva, tem 32 anos e leciona para o 4 ano. O professor 2 é uma mulher especialista em ciência linguística, tem 41 anos e leciona para o 1 ano do ensino fundamental. O professor 3 é um homem especialista psicopedagogia, tem 38 anos e leciona para o 5 ano do ensino fundamental.

De acordo com as respostas dos entrevistados e entrevistadas, as discussões deste estudo foram norteados pela análise das interpretações emanadas das falas dos professores e professoras, seja no reforço, contestação ou



re(constituição) de arquétipos do sujeito “normal” ou “anormal” de acordo com a orientação sexual.

Resultados e Discussão

1. Gênero e sexualidades: com a palavra os educadores e educadoras

Dentre os primeiros momentos da investigação no “lôcus” da pesquisa foi possível perceber que a realização da investigação acarretaria certos percalços. O momento mais preciso que foi possível ver tal constatação, consiste ao que antecedeu ao registro da gravação de cada entrevista. Primeiramente, foram mostradas as perguntas aos docentes e o incômodo sobre o teor delas, ficou explícito. Inquiridos sobre a primeira questão fora possível visualizar a estratégia adotada pelos profissionais: o silenciamento.

A maioria preferiu não falar sobre os tempos primeiros de escolarização na infância, quando o assunto indagado parecia gerar certo desconforto. Mas, não se pode esquecer que o silêncio também é eloquente. A preferência em se ausentar discursar sobre as temáticas, gênero e sexualidades, demonstrou ser, por meio da análise das “entrelinhas” vislumbradas nas respostas das indagações posteriores, uma forma de “preservar” os alicerces da lógica heteronormativa³, a qual pareceu nm ser considerada o único e verdadeiro padrão de normalidade.

Tendo como eixos norteadores de reflexão a heteronormatividade e as concepções de “anormalidade” e “normalidade”, preferiu-se para fins didáticos e de organização, que a apresentação textual, fosse ordenada pela a ideia de temporalidade (passado e presente)²

Os tempos de infância

² Sabe-se que a História não se traduz em uma linha linear temporal, que se “encaixam” de forma “perfeita” o passado no presente. A escolha da apresentação textual, foi simplesmente para facilitar a leitura e a compreensão do texto, mas de forma alguma para reforçar a ideia da linearidade histórica, pois se tem a ciência de quanto o conhecimento histórico é em demasiado complexo, para tentá-lo infimizá-lo a essa análise.

³ Heteronormativa é vocábulo que é constituída por duas palavras- hetero que significa algo oposto do que tem, se considerar a sexualidade, hetero é a atração que a pessoa tem por outra pessoa do sexo contrário ao seu. Por sua vez norma é o que regulamenta as especificidades sociais que remete aquilo que é inviolavelmente “normal”, ao considerar a norma e a normalidade dentro da sexualidade, os dispositivos que regulamentam o comportamento do corpo é padronizado pelo comportamento heterossexual, ou seja, o “normal” é considerar que a atração hetero do corpo é a “normal”. Portanto a heteronormatividade está submetida a normas, tais que advém de dispositivos que regulamentam essas normas.



Embora fora perceptível uma certa relutância em falar sobre os assuntos, sexualidades e gênero, quando os educadores e educadoras, foram indagados sobre as suas infâncias, mais especificamente se havia uma fronteira rígida de como os meninos e meninas deveriam se comportar, falar e vestir, foi possível observar como as professoras mulheres, pareceram mais à vontade e seguras para retratar a referida questão. Talvez por sentirem “na pele” como o julgo social sobre as mulheres, podem ser mais severos, elas comentam:

Professora 1: Sim, não podia brincar menina com menino e também sempre as cores mais escuras para os meninos e mais claras para as meninas.

Professora 2: Sim, tinha sim, tanto é que a minha mãe mesmo não deixava a gente conversar com os primos, e vice e versa e ... Tipo assim, também, menino não cozinhava, não fazia serviço de casa, só as meninas

Mesmo com poucas palavras, é possível constatar na fala dessas professoras, como havia papéis sociais distintos ao que era esperado de uma menina e de um menino. Conforme coloca Louro (2000), os corpos são educados para comportar de maneira padrão em meio a sociedade. A discrepância de como os corpos são “moldados” para cumprir ao que esperado de cada gênero, pode ser visualizado nas respostas dessas profissionais na “clássica” questão da utilização das cores das roupas, em que se restringe ao que se considera cabível ao sexo masculino e ao feminino.

A distinção dos papéis sociais, baseado no que se pensa como “naturalmente” ser próprio de uma mulher e homem, é uma das primeiras formas de estabelecer os padrões de normalidade, a heteronormatividade². O normal torna-se sinônimo de natural. Nessa perspectiva, acredita-se que biologicamente (naturalmente) o indivíduo esteja “programado” a se comportar e até mesmo viver de acordo com o sexo que se nasce, feminino ou masculino, negando que muito desse padrão é construído culturalmente. Cria-se, portanto, o modelo aceito de se agir, vestir, conceber o mundo e viver.

A abordagem da sexualidade em sala de aula é uma conquista progressiva, e se é polêmico e desafiador falar de sexo e seus atributos nos dias de hoje, na época que os professores entrevistados estudaram na educação básica, a temática sexualidade passou negligenciado em suas formações. Mas, infelizmente omissão da escola para retratar essas questões ainda se faz assaz. O silenciamento dela



torna-a um ambiente propício a discriminação, já que o combate ao preconceito exigem estratégias educativas para desconstruí-lo, que necessitam de tempo e paciência dos educadores e das educadoras, mas, sobretudo que estes e estas tenham já em suas formações e em suas concepções, desmanteladas as visões preconceituosas, o que não pode ser vislumbrado de forma satisfatória em muitos cenários escolares brasileiros, inclusive na escola que foi pesquisada.

A formação universitária

Conforme Fernandes (2014) os docentes nas escolas brasileiras estão despreparados para retratar com as questões de gênero e sexualidades. A desqualificação e a falta de preparo dos professores e das professoras, de acordo com o referido pesquisador, é derivada, em decorrência em grande parte, devido ao déficit da formação universitária. Tal fato pode ser evidenciado na fala dos profissionais pesquisados, quando uma educadora e educador, denominados, respectivamente, como professor 1 e professor 3, enfaticamente afirmam, que a universidade não os prepararam para lidar com a diversidade sexual na escola. O que é visto também na resposta do professor 2, ao pontuar que formação inicial:

Professor 2: Vem se preparando, ainda não está preparada não, porque conforme vai passando o tempo a gente vem se habituando, até a gente mesmo conforme as vezes tem, não fala assim diretamente, não fala, mas só que no fundo no fundo a gente ainda tem que ser preparado no dia a dia.

Não são raros que muitos educadores e educadoras norteiam-se, muitas vezes, por uma pedagogia sexista e homofóbica, como bem alerta o referido Fernandes:

Quando não há o debate acerca das diferenças, sobretudo referentes à diversidade sexual, há uma valorização de sistemas binários e sexistas que privilegiam discursos preconceituosos, explícitos e/ou implícitos, capazes de hierarquizar identidades binaristas tais como: homem/mulher, normais/anormais, heterossexual/homossexual, negro/branco. (FERNANDES, 2014, p. 26).

Os entrevistados foram heterogêneos ao responderem se é possível perceber algum tipo de preconceito ou atitude discriminatória na abordagem da sexualidade, pois o professor 1 e 2 disseram que “sim” e o professor 3 disse “não me lembro”. O que vale destacar é a justificativa do P1: “Tipo assim, também, menino não cozinhava, não fazia serviço de casa, só as meninas”. O que reforça



que meninos e meninas tinham maneiras bem distintas de comportamento e que o comportamento “anormal” entre eles gerava o preconceito, nesse sentido Butler liga a “anormalidade” a termo “abjeção”.

A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir” (BUTLER, 2000, p.153).

Apenas o professor 2 disse que a educação superior abordou a sexualidade como objeto de estudo, em sua resposta relata que o método da abordagem foi de “maneira natural”, ou seja, que o assunto deveria ser falado com naturalidade quando proposto aos alunos. O professor 1 disse que fazia muito tempo que passou pela academia superior, mas que se fora abordado dar-se-á de maneira superficial, ou seja, irrelevante, pois não houve o aprendizado significativo. E o professor 3 disse não ter tido esse conhecimento durante a formação acadêmica. Butler (2000) defende que a devida educação sexual pode traspassar o discurso oficial que é ofertado na escola, por isso, na formação é imprescindível que se faça presente as questões da sexualidade na academia, pois considerando os sujeitos críticos e autônomos que a compõe, é relevante conhecer os anseios, os desafios e as perspectivas na abordagem dessa temática.

Quando os entrevistados foram indagados pelo que eles entendem de sexo e gênero foi notório o embaraço nas respostas, pois levaram bastante tempo para pensar e foram muito inseguros para responder. Eles parecem não ter o conhecimento aprofundado dessas temáticas e que apenas reproduzem os conceitos usuais socialmente reproduzidos.

Ao responderem se eles conhecem a “ideologia de gênero⁶” e a opinião que eles têm sobre, o professor 3 não tem nenhum conhecimento sobre a ideologia de gênero, quanto ao professor 1 e 2 trazem a tona toda a subjetividade que os entrevistados têm recorrentes a ideologia de gênero. Essa pergunta possibilita conhecer os “padrões” socialmente e culturalmente implícitos nos indivíduos. O professor 1 disse: “Ai eu acho assim, muita novidade ainda mais pra gente que, que já tem um tempo né, assim dando aula, uma certa idade também, acho muito difícil vê isso com naturalidade né”. Torna-se evidente que a falta de “naturalidade”,



assim como já mencionado na pesquisa, Butler (2000) o associa com “abjeção”, ou seja, o monstro que não é natural.

Para Foucault (1988), ao colocar o sexo em análise de discurso, indaga quais os canais e os discursos que regulamenta a sexualidade do indivíduo, no qual a omissão e censura são os motivos que subsidiam a hipótese repressiva, pois “dispositivos de poder” como a Igreja, a medicina, juristas e os recentes métodos racionais que regulamentam o sujeito, cujos discursos intensificam a sexualidade, baseada na repercussão social que a razão do ser e do regime de poder apoia o discurso da sexualidade, pois discorre que o ocidente procurou regulamentar o discurso da sexualidade, mas ao invés de reprimir, acabou sendo incitado o discurso sobre sexo, que classifica os indivíduos entre o normal e anormal.

O docente em sala de aula hodiernamente

Para a questão da abordagem da diversidade de gênero: heterossexualidade, homossexualidade e transexualidade no ambiente de trabalho e se sim de que forma? O professor 2 não aprofunda o assunto: “temos que, de vez em quando, vem algumas perguntas, alguns questionamentos que os meninos faz, perguntas, só que aprofundar mesmo assim, por ser 4 ano eles fazem muita pergunta a respeito disso”, mostra-se superficial, cabe ao formador discutir assuntos de teores em que o corpo é o objeto de curiosidade e transformações constantes na vida humana. Tais curiosidades devem ser canalizadas ao conhecimento científico muitas vezes negligenciado pela família. O professor dota-se dessa responsabilidade assim como afirma (TELES, 1992, p.147):

Os professores encarregados da educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. S (sic) o lar está falhando neste cabe a escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discursões das emoções e valores.

O professor 3 quando confrontado com a pergunta se aborda a questão da diversidade de gênero: heterossexualidade, homossexualidade e transexualidade no ambiente de trabalho e se sim de que forma? É incisivo e firme ao responder:

Professor 3: Eu só comento sobre o preconceito, não se deve ter, a pessoa escolhe o que ela quer ser, mas também não incentivo, num... E a minha opinião pessoal é, não sou cristão, mas acredito em sexo homem e mulher o que ele escolhe mas também não me intrometo mas também não concordo.



O silenciamento por parte dos docentes ficou explícito na pesquisa no qual mostra que os professores estão pouco preparados para as temáticas que envolvem a sexualidade, visto que para tratá-las, é preciso se despir dos paradigmas socialmente construídos. Para Butler, é importante refletir sobre tais questões, pois “[a] formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir” (BUTLER, 2000, p.153), ou seja, quem não participa da heteronormatividade não é normal.

Considerações Finais

A sexualidade é assunto ascendente, mas o problema da abordagem é como erroneamente é vista a sexualidade, pois a educação sexual não é incentivo a fazer o ato sexual, ou incentivar a mudar a orientação sexual. Para a abordagem da sexualidade e todas as vertentes que a engloba é necessário que os professores sejam continuamente profissionais em formação, voltando-se para os alunos e alunas atuais, que estão reformulando juízo de valores de forma natural, pois o comportamento que outrora era inadmissível pelas rígidas atribuições dos papéis sociais de homens e mulheres, agora começa a mudar.

Ao considerar as respostas dos professores comparando o tempo de sua escolarização até os dias em que eles e elas atuam na prática docente, é possível perceber que os temas relacionados a sexualidade, corpo e gênero, pouco mudou, pois ainda reproduzem implicitamente o que foram “padronizados” a obedecer.

A negligência para discutir essas temáticas em sala de aula está relacionada em considerar a tudo que não se enquadra a lógica heteronormativa como abjeção. Considerando que a proposta da educação é promover a emancipação do *status quo*, torna-se paradoxal que o silenciamento seja marjoritário, essa vertente contribui para que a escola conserve atitudes preconceituosas no âmbito da diversidade sexual, pois a falta de conhecimento é um dos pressupostos para a perpetuação dos conceitos “engessados” socialmente.



Agradecimentos

Agradeço a professora Ma. Patrícia Simone de Araujo, que me convidou para participar do seu projeto de pesquisa e me proporcionou esse novo conhecimento.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LOURO, G. L. (Org.). **Pedagogias da sexualidade. In: O corpo educado - pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NÓVOA, António, (Coord). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SEVERINO, A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.